

CARMEN / 1934

um filme de LOTTE REINIGER

Realização, Argumento e animação: Lotte Reiniger, a partir da ópera de Bizet e do conto de Prosper Mérimée *Direção de fotografia:* Fritz Rödning *Colaboração:* Arthur Neher *Música:* George Bizet com arranjos de Peter Gellhorn *Produção:* Lotte Reiniger Film *Cópia:* 35mm, preto e branco, sem diálogos *Duração:* 9 minutos *Estreia:* maio de 1934, Filmkunstwochen in Berlin *Primeira exibição na Cinemateca.*

LES CENT ET UNE NUITS DE SIMON CINEMA / 1995

um filme de AGNÈS VARDA

Realização e Argumento: Agnès Varda *Fotografia:* Eric Gautier *Montagem:* Hugues Darmois *Som:* Jean-Pierre Duret, Jean-Pierre Duret, Henri Morelle *Decoração:* Cyr Boitard, Cédric Simoneau *Guarda-Roupa:* Leila Adjir, Françoise Disle, Rosalie Varda *Interpretação:* Michel Piccoli (Simon Cinéma), Marcello Mastroianni (o amigo italiano), Henri Garcin (Firmin, o mordomo), Julie Gayet (Camille Miralis), Mathieu Demy (Mica), Emmanuel Salinger (Vincent, de regresso das Índias), Anouk Aimée (Anouk, em flash-back), Fanny Ardant (a estrela que faz girar a noite), Jean-Paul Belmondo (professor Bébel), Romane Bohringer (rapariga de violeta), Sandrine Bonnaire (a vagabunda que se metamorfoseia), Jean-Claude Brialy (o guia dos japoneses), Patrick Bruel (o primeiro orador), Alain Delon (Alain Delon, de visita), Catherine Deneuve (a estrela fantasma), Robert De Niro (o marido da estrela fantasma em cruzeiro), Gérard Depardieu (Gérard Depardieu, de visita), Harrison Ford (o próprio), Gina Lollobrigida (a mulher do professor Bébel), Jeanne Moreau (a primeira mulher do sr. Cinéma), HANNA SCHYGULLA (a segunda mulher do sr. Cinéma), Sabine Azéma (Sabine/Irène), Jane Birkin (a que diz radin), Arielle Dombasle (a cantora na garden party), Stephen Dorff, Leonardo DiCaprio, Martin Sheen, Harry Dean Stanton (atores mudos em Hollywood), Andréa Ferréol (a espantada), Daryl Hannah, Emily Lloyd, Assumpta Serna (actrizes mudas em Hollywood), Jean-Pierre Kalfon (o primeiro Jean-Pierre), Jean-Pierre Léaud (o segundo Jean-Pierre), Daniel Toscani du Plantier (o segundo orador), Isabelle Adjani (a própria, em Cannes-imagens de arquivo), Jean-Hugues Anglade, Daniel Auteuil, Clint Eastwood, etc.

Produção: Ciné Tamaris, France 3 Cinéma, Recorded Picture Company (França, 1995) *Produtor executivo:* Dominique Vignet *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 104 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca:* 2 de Outubro de 2004 (“Festival Temps d’Images”).

CARMEN

Se Lotte Reiniger é mais conhecida por *DIE ABENTEUER DES PRINZEN ACHMED* (“As Aventuras do Príncipe Achmed”, 1926), aquele que ficará para sempre como a «primeira longa-metragem de animação da história do cinema». No entanto, importa igualmente lembrar que o grosso da produção da realizadora se encontra no formato curto – onde explorou as possibilidades plásticas e narrativas da “sua” técnica de animação de silhuetas. Dentro desse núcleo curto é possível destacar o interesse particular da realizadora pela ópera. Reiniger produziu um conjunto substancial de “adaptações” de trechos conhecidos de óperas e outras composições. É o caso do presente filme, *CARMEN* que parte da composição de Bizet. Este seria seguido, em 1935, por *PAPAGENO* (bastante mais conhecido), que adapta o famoso trecho de *A Flauta Mágica* de Mozart. Mais tarde, já em Inglaterra (fugida do regime Nazi – ela que era uma “perigosa esquerdista”), realiza *THE TOCHER* (1938), um “filme-ballet” adaptado de peças de Rossini; e em 1957, Reiniger assina uma adaptação de *La Belle Helene* de Offenbach, *HELEN LA BELLE*. (E a lista não se fica por aqui...)

Um dos aspetos destes filmes-ópera – e *CARMEN* é um exemplo acabado disso – é o modo como a realizadora, sendo bastante fiel à composição musical, descarta em absoluto os libretos originais, reescrevendo as tramas, mas preservando as personagens. Neste caso, isso é levado ao limite da sátira. *Carmen* é conhecida como uma ópera trágica que se aproveita do exotismo hispânico e cigano para construir uma história de faca e alguidar que acaba por sacrificar a mulher livre e libidinosa a bem da manutenção do *status quo* – a propósito, sugiro ao caro leitor que, podendo, assista a *CARMEN TROUBLES* (2022), recente filme do artista Vasco Araújo que propõe um reavaliação sobre esta figura músico-literária a partir da análise contemporânea de um conjunto de pensadoras da comunidade cigana espanhola. Diante disto, Lotte Reiniger propõe uma resposta “feminista”. A sua *Carmen* não se deixa levar pelo amor, não se deixa afetar pelo repúdio de um homem, não se deixa ficar pela desfaçatez altiva de um nobre, nada disso, as suas silhuetas dão forma a uma mulher que é dona da sua própria aventura, que defronta um touro – sozinha – na arena e o derrota, saindo entre aplausos e com um pretendente muito mais generoso (e jeitoso).

Ricardo Vieira Lisboa

LES CENT ET UNE NUITS DE SIMON CINÉMA

Por preferir “divertimento” ao termo comédia é pela primeira designação que Agnès Varda se refere a *LES CENT ET UNE NUITS*, realizado por ocasião do centenário do cinema. E foi, disse ela, por preferir celebrar um cinema com um verdadeiro filme e não fazendo-lhe uma homenagem comemorativa e achar, como Buñuel, que as manifestações comemorativas são perigosas, que escolheu filmar uma história à volta de um velho excêntrico imobilizado numa cadeira de rodas, dono e senhor de um castelo repleto de objectos culto de cinema, que contrata uma jovem estudante para pôr em ordem as suas memórias cinéfilas. É um filme de piruetas e cambalhotas, polvilhado de referências, piscadelas de olho e citações e com um impressionante elenco de vedetas (francesas, italianas e americanas) que se dispuseram na maior parte dos casos a aparecer na sua própria pele ou em pequenos papéis que com eles brincam tranquilamente.

Voltar às origens e pensar no cinema simultaneamente como espectáculo de feira e como fantasia? É Varda quem assume ter corrido esse risco: “Logo no princípio do filme, uma criada faz cambalhotas como no circo, outra faz um número de pratos e o mordomo mascara-se de Arlequim. Não é para levar a sério (...). É uma festa de cinema, para a qual convidei alguns filmes, algumas estrelas, algumas composições que giram à volta das personagens principais que são Simon Cinéma, o seu amigo italiano Marcello Mastroianni, o seu mordomo Henri Garcin e, do outro lado da barreira, jovens que representam o segundo século do cinema e o desejo de fazer cinema”. Para a realizadora, o ponto é o do gozo: “Não se deve ver uma metáfora sobre o cinema em primeiro grau [na infantilidade regressiva do velho centenário Simon Cinéma]. O que encontramos é a descrição de um velho. Os velhos são felizes quando têm visitas, distrações, amigos. À noite, quando não dormem, são um pouco tristes. Apesar de, por vezes, chorar, Simon Cinéma tem uma velhice feliz, sobretudo rica. (...) Não me voltei nada para o simbólico. O que é verdade é que a personagem principal é um mitómano. Acusa Mastroianni de o ter roubado e sonha subir a grande escadaria de Cannes. Acho que, como velho, Simon Cinéma é normal. É um mitómano feliz. Mas é um pouco avarento. O cinema também é uma questão de dinheiro. Tive vontade de manter esta história a um nível superficial abordando alguns temas, alguns mitos como a morte, a memória, o verdadeiro e o falso, o dinheiro, um casal Deneuve-De Niro...”

Foi assim que Varda refutou críticas de incompreensão perante *LES CENT ET UNE NUITS*, porque se houve quem se maravilhasse quando o filme estreou, houve também quem o estranhasse. “A base, a referência e o mestre do meu filme é Buñuel e a sua curta-metragem *L’ÂGE D’OR* (...). [*SANS TOI NI LOI*, 1985] é um filme onde, como autora, desejava não ser demiurga da personagem. Como se dissesse ‘Inventei esta Mona [a personagem de Sandrine Bonnaire], mas não sei tudo sobre ela’. É como esta bela expressão de Jean-Luc Godard: Duas ou três coisas que sei dela. O espectador também é uma testemunha. E em *LES CENT ET UNE NUITS* a minha atitude é exactamente a mesma. Sim, é uma afirmação de cineasta, mas também é modéstia na medida em que penso que os espectadores fazem o seu próprio filme. Deixei-me ir pensando em Buñuel, em alguns filmes e em duas personagens, um velho e uma rapariga. Diverti-me com isso”.

LES CENT ET UNE NUITS é para todos os efeitos um filme cinéfilo, afectivamente. Não é só o desfile de vedetas (confira-se a ficha técnica), citações explícitas (títulos, realizadores e actores invocados em pequenos excertos, nos diálogos, nos cartazes e fotografias que vão ocupando os cenários) ou referências mais ou menos subtis a filmes, realizadores, personagens ou símbolos de produtoras famosas (a maquilhagem de Nosferatu, o episódio da bicicleta roubada ou o leão da Metro, o galo da Pathé...), para referir como exemplos as mais evidentes. É também evidentemente um filme de cinéfilo para cinéfilo. Talvez o problema seja que a cinefilia nem sempre resiste a tentações dispensáveis e nem sempre o acumular de objectos e situações se constituem como a melhor forma de culto. Também é verdade que o registo deste filme fica distante do universo conhecido de Agnès Varda e que um filme como, por exemplo, *LES DEMOISELLES ONT EU 25 ANS* (de 1993, imediatamente anterior a *LES CENT ET UNE NUITS*) em que Varda revisita com Catherine Deneuve o cenário do filme “encantado” de Jacques Demy em Rochefort (*LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT*, 1966) é, além de mais tocante, mais certo, até na forma como celebra o cinema e o prazer de fazer cinema. Ou, para lembrar o primeiro filme de Varda, porque não, *CLÉO DE 5 À 7* e o pequeno filme mudo aí interpretado pelos cómicos Jean-Luc Godard e Ana Karina? É também à celebração de “la vie en rose” que *LES CENT ET UNE NUITS DE SIMON CINÉMA* se dirige. Desta vez, Varda escolheu Piccoli travestido em mago. Os acordes finais apelam *PARIS, TEXAS* e por aí também a nostalgia da passagem de um tempo de alguma forma perdido.